



Silvio Alberto Ferrari

ADORADORES DO
WARTIMI

EDITORA RECANTO DAS LETRAS



ADORADORES DO
WARTMI

Silvio Alberto Ferrari

ADORADORES DO
WARTIMI

SOROCABA
EDITORA RECANTO DAS LETRAS
2018

Copyright 2018, Silvio Alberto Ferrari

Editora Executiva: Cassia Oliveira

Projeto gráfico e Diagramação: Editora Recanto das Letras

Impressão e Acabamento: Forma Certa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferrari, Silvio Alberto

Adoradores do Warimi / Silvio Alberto Ferrari. —
Sorocaba : Recanto das Letras, 2018.

232 p.

ISBN: 978-85-69943-99-0

1. Ficção brasileira I. Título

18-1776

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

DEDICATÓRIA

AOS MEUS FILHOS, DANIELA, SILVIA,
SILVIO JUNIOR (in memoriam) E LUIZA...

SUMÁRIO

HIRAM	9
GRECO	26
O LABIRINTO	32
OS CAMUFLADOS	36
ESCOLHIDO	40
UMA NOITE TRANQUILA	42
MÚSICAS	45
UM CRIME QUASE PERFEITO	47
OS OLHOS DE MEL	52
DIVAGAÇÕES	56
PRISIONEIRO DE UM OLHAR	59
DESCOBRINDO O LABIRINTO	61
DESVENDANDO A SEITA	66
DE VOLTA AO LAR	69
SENTINDO-SE PRISIONEIRO	72
REVENDO AS FIGURAS EXÓTICAS	76

OS MANOS FALADORES	81
A GRANDE SURPRESA	86
PREPARANDO WARIMI	89
INCURSÕES PELO LABIRINTO	93
O GRANDE LIVRO	96
NA FLORESTA	113
DOMÍNIO VERDE	115
URTIGAS	122
O NÚMERO MÍSTICO	125
ESPERA ANGUSTIANTE	134
MARCANDO A CONVERSÃO	137
PRISIONEIRO DO WARIMI	140
AMNÉSIA	145
O GRANDE DIA	151
DOMINAÇÃO	153
UMA SESSÃO PARA GRECO	168
INCURSÃO NA CASA DE FORÇA	173
O DESTINO DE MANO HOMERO	179
A HISTÓRIA DE MANO ANÍBAL	185
LUDIBRIANDO A SEITA	187
VOLTANDO À FLORESTA	196



HIRAM

Uma neblina cinzenta encobria a floresta.

Hiram subia a íngreme trilha resfolegando. Estava fora de forma, pois passara os últimos meses pacatamente sentado num escritório, que mais parecia um caixote de vidro, alheio a tudo e a todos. Resolvera fazer aquele programa movido por uma estranha sensação, e também por absoluta falta de algo mais emocionante. Pudera! Que emoção poderia haver numa cidadezinha perdida nos confins da Amazônia, onde a maioria das pessoas lhe era totalmente estranha em feições e costumes?

Televisão só chegava pelas parabólicas alimentadas por barulhentos motores movidos a diesel, que infernizavam as noites quentes, próximo à linha do equador. E a vida humana valia tanto quanto a de um cão. “Um lugarzinho de merda”, imaginava, enquanto subia pela mata.

“Não sei o que faço aqui! Ainda que nunca tenha residido numa cidade grande, lá pelo menos não havia tantos mosquitos, nem este calor infernal. E para desfrutar as delícias de um lugar dito civilizado, bastavam três horas num carro e pronto. Desfilava-se entre buzinas e néons, como deve ser um lugar civilizado!”

Isso, porém, era passado. Optara por estar ali, num momento difícil de sua vida, onde seus caminhos haviam chegado

a uma encruzilhada que o trouxeram do nada e indicavam lugar algum. Assim, embarcara rumo ao desconhecido, deixando pasmos os que o conheciam, e imaginavam jamais ser dado a aventuras. Ainda mais loucuras como a que fizera. Trocara simplesmente trinta e cinco anos de convivência pacífica num lugarejo sossegado, próximo a um grande centro no sudeste do Brasil, cercado de amigos e parentes, pela imensidão da floresta desconhecida.

Agora estava ali, envolto em seus pensamentos que, diga-se de passagem, ultimamente andavam mais densos que a neblina que o cercava. Parou para respirar mais calmamente, recostado numa raiz de sumaúma, talvez a mais gigantesca espécie florestal da Amazônia. O cheiro da floresta penetrava não só pelas narinas, mas também por seus poros, impregnando-os. Um cheiro indefinido de flores, misturado com alho, amêndoas, almíscar e terra úmida.

Ufa! Lembrou-se de um romance que lera, onde o protagonista dominava multidões elaborando perfumes através de seu sensível olfato. Imaginou-se na mesma situação. Teria uma infinita gama de olores para manipular. Sentia haver caminhado uma eternidade, tal a precariedade de seus pés.

“Mas que diabos... Isto é programa de índio!” Sentiu vontade de estar no ar condicionado de seu escritório, sendo bem servido de cafezinhos e mimos, porém lembrou-se que adiarda tantas vezes o que fazia agora, que não recuaria por nada. Iria fundo na empreitada.

De seu escritório avistava a serra azul ao longe, aguçando sua curiosidade. Às vezes, em tempos de seca mais prolongada, mudava de cor, numa tonalidade ocre, outras vezes cobria-se de amarelo das flores de ipê, porém a maior parte do ano predomi-

nava o azul – isto ao longe – porque ali, envolto pela mata, a exuberância era do verde. O verde em todos os matizes jamais imaginados pelo comum mortal. E ele finalmente estava em campo.

Apenas uma mochila com algumas maçãs, biscoitos, uma lanterna, faca e cordas. Não levava água, pois imaginava haver em abundância e cristalina, no que estava certo, pois afinal o que não falta na Amazônia é água. Olhou para cima e viu uma trilha sinuosa desaparecer atrás de uma seringueira. A trilha, a julgar por seu estado, só era utilizada pelos animais silvestres.

Colocou-se de pé, pondo-se a caminhar, agora com os pensamentos mais desanuviados. A névoa também agora se dissipava, fazendo-o rir, como se houvesse penetrado em seu cérebro. Realmente esquisito, seus pensamentos se clareavam junto com a névoa que o rodeava. Agora podia até mesmo ouvir o som da floresta com mais nitidez. Assim pode distinguir o cricar de um grilo, o pisado de um roedor nas folhas secas, uma fruta caindo pesadamente, o zumbido do motor elétrico. Sentiu um arrepio. Motor elétrico? Não que o barulho fosse incômodo. Era, sim, inverossímil. E ali, naquela situação, penetrava em seu cérebro com a potência de mil decibéis. Soltou um palavrão: “Porra, o que faz um motor elétrico no meio do mato. Nem na cidade era muito comum aquele barulho, devido à enorme escassez de energia elétrica...”

No entanto o barulho persistia, monótono, uníssono. Deixou-se cair sobre a mochila, amassando as maçãs. Então percebeu que ao nível do chão o barulho aumentava. Procurou orientar-se na direção; não vinha de lugar algum acima da superfície. Sim, vinha de dentro do chão! Pôs-se a cavar como se fosse um tatu. Desistiu, nem tatu cavaria aquele pedregulho. Saiu tateando pelos troncos e raízes trombando em urtigas que o queimavam,

mas ele não sentia, absorto que estava à procura de explicações. Havia muitas pedras que se sobressaíam maciças. Algumas tão grandes como uma jamanta, impregnadas de lodos e samambaias, trincadas, talvez, pelo ribombar de trovões ou pela ação de milhares de anos de exposição às intempéries equatoriais. Percebeu, ao passar por uma dessas fendas, que o barulho aumentava, demonstrando não haver bloqueio acústico. Voltou e colou o ouvido. Não havia dúvidas: por aquela fenda percebeu claramente não ter sido traído pela emoção. Realmente o som estava lá. Zummmmmmm... “Cacilda, tô ficando louco. Tem um motor elétrico debaixo da pedra”.

Tentou introduzir a mão pela fenda, mas admitiu que estivesse um pouco gordo. “Droga, o cara ser gordo só atrapalha”. Riu da sua preocupação com a forma física. Numa situação dessas, no meio do mato, com um motor elétrico funcionando debaixo de uma pedra e o sujeito pensando nas gorduras acumuladas. Sentiu fome, lembrou-se dos biscoitos, pegou o pacote. Então, os esfarelou todo com um pau, jogando o pó de biscoitos ao vento. “Acho que nunca mais vou comer”. Voltou à realidade. Zummmmmmm... Viu que de nada adiantaria ser magro, pois a fenda não deixaria passar a mão de um bebê.

Procurou um galho forte para funcionar como alavanca. Colocou entre a fenda e forçou inutilmente. Lembrou-se da faca, mas também seria inútil. Ficou desolado, olhando a fenda negra na pedra. Então notou algo estranho. A intervalos regulares uma tênue luz piscava no fundo da fenda. Fascinado ficou observando o piscar intermitente e sentiu-se livre. Vagava agora acima da floresta, como um pássaro. O vento no rosto, uma sensação de paz. Voltou no tempo, sentiu-se navegando nas águas tranquilas do rio Paranaíba, um grande espelho de água refletindo as matas

que o margeiam. Reminiscências de outros tempos: uma ilha, o céu noturno refletido na água, ele deitado em uma passarela observando estrelas. Tinha algum conhecimento astronômico. Punha-se então a explicar, aos amigos de solidão, fragmentos de astronomia: “Ali é Marte, o planeta vermelho, ali é a Nuvem de Magalhães, acolá Júpiter”. Falava com convicção. Os amigos às vezes se admiravam, outras nem ouviam, bêbados que estavam.

Bons tempos, bons tempos... Lembrou-se do dia em que apostara poder atravessar o braço de rio a nado e quase morrera, mas conseguiu. Jurou nunca mais colocar a vida em risco, afinal, pra se morrer, tem tempo. Nunca apresse a coisa. Começou a sentir frio, pediu pra secretária desligar o ar condicionado. Sua voz caiu no vazio. A névoa voltou mais densa. Cobriu a floresta; Era noite alta... Abriu os olhos: o salão deveria ter uns trinta metros de altura. Lembrou-se da Estação Sé do metrô de São Paulo. Realmente o local lembrava a estação Sé, sem aquele movimento louco, na penumbra e no silêncio das madrugadas... “Será? Não! Eu estava a três mil quilômetros de distância... E daí? De jato são três horas! É, mas o aeroporto mais perto está a 350 km, e eu não viajei... Pelo menos não me lembro de ter tomado avião algum... Tá certo, eu sobrevoei a floresta, voltei ao rio Paranaíba, mas tudo era tão vago... Agora isto aqui não tem nada de inverossímil. Realmente eu estou vendo um salão que se parece com a Estação Sé, mas sei também que não é! E sei que isto é real. Apesar de estar na floresta amazônica, longe de tudo, isto é real!”

Tentou colocar os pensamentos em ordem. Uma terrível dor de cabeça o impedia de pensar claramente. Levou as mãos ao rosto, esfregando os olhos que se acostumavam com a penumbra reinante. Agora podia ver mais claramente o ambiente que o rodeava. Era um enorme salão natural, desses tantas vezes vistos em

fotografias feitas por exploradores de cavernas. Mas o mistério continuava. Como viera parar ali? Sentiu uma coisa incômoda nas costas, levou as mãos ali e percebeu a lanterna pressionando seus rins. Retirou-a; e testou, porém a lâmpada não acendeu. Tudo bem, já que havia luz suficiente para exploração.

Zummmmmmm! O barulho continuava agora forte, vindo de sua direita. Colocou-se de pé e saiu com dificuldades, sentindo o chão que pisava. Andou cerca de vinte metros onde havia uma parede com uma abertura, por onde se infiltrou e seguiu caminhando guiado agora pelo barulho do motor. O ser humano possui capacidades para as quais não consegue explicações, simplesmente as aceita. Uma dessas dizem respeito a um sexto sentido que nos previne de perigos iminentes; ou a sensação de estar sendo observado. E ele sentia claramente esta sensação. Não havia criatura alguma ao alcance de seus olhos, contudo ele sentiu estar sendo observado.

Não se incomodou com o fato a ponto de se perturbar, pois se sentia impotente diante da situação; além do mais, imaginava ter perdido os sentidos por um bom tempo, ficando, enquanto isso, à mercê de eventuais inimigos. Ao atravessar a abertura, entrou numa espécie de corredor ou túnel. Não pode precisar se era natural ou artificial, simplesmente foi caminhando guiado pelo barulho.

Seus pensamentos vagavam numa espécie de torpor. Sentia-se um autômato sem vontade própria, apenas caminhava agora em direção a uma luz que se irradiava à frente: a luz intermitente. Comparou-a às luzes de danceterias, dessas que parecem se agitar ao som do rock pesado. A sensação de estar sendo observado se acentuou: instintivamente procurou a faca na mochila. Percebeu então que a perdera, talvez quando caíra ali. Será que

caíra realmente? Não sentia nenhum arranhão, nem dores nos ombros, e a julgar pela altura do teto, uma queda dessas poderia ter sido fatal. Apenas a cabeça continuava doendo e pesada como que estivesse drogado. Sentiu um estalo: “Como não pensei nisso antes?” Realmente seus conhecimentos sobre efeitos de psicotrópicos eram nulos. Baseavam-se apenas em teorias adquiridas através de leituras, pois sempre lera muito, sobre todos os assuntos, inclusive drogas. Era, como se diz, um autodidata.

Novas divagações sobre como discutia assuntos variados. Às vezes conseguia manter a conversa com pessoas doutas, como se fosse do meio. Não sabia se convencia, mas dava-se por satisfeito e era o que importava. Outras vezes punha-se a dissertar sobre religião com pessoas totalmente ignorantes em todos os sentidos, porém achando-se donas da verdade em seu entendimento. Nessas ocasiões divertia-se com cara de espanto de despreparados pastores evangélicos, quando questionava a existência de Deus da forma que propunham, ou quando citava trechos do Antigo Testamento, onde são narradas as atrocidades cometidas pelo povo de Deus, tais como os saques contra cidades ditas profanas, onde os protegidos do Senhor passavam a fio de espada, crianças e mulheres, além de aldeões, tudo isso em nome de Deus, a pretexto de conquistarem a Terra Prometida.

Seu conceito de Deus era assim definido: acreditava sim, na existência de uma força suprema, não em forma de homem ou qualquer outra forma definida. Seria então intrinsecamente ligada a tudo e as todas as coisas do universo. Uma força que mantinha as estrelas emitindo sua luz, e os planetas em sua órbita. O ciclo da vida, onde tudo tem um início e um fim, cada coisa sendo incorporada aos elementos que lhe são peculiares. Os planetas, assim como as estrelas que os prendem como se

estivessem atados a um fio invisível, mais dia, menos dia, teriam seu fim, atraídos pela imensurável força da gravidade. As estrelas perdendo combustão, tornando-se frias e opacas, enquanto o processo se iniciaria em outra parte, fazendo surgir uma supernova. Numa escala menor, ocorreria algo semelhante, guardando as devidas proporções e formas. Assim, as vidas de todos os seres seguiriam um ciclo infinito e bem definido, nascendo e morrendo em todos os quadrantes do universo, em cada fração de segundo, seguindo as influências oriundas desta força primitiva que ele designava Deus.

Voltou a pensar em drogas e nos efeitos sobre a mente humana. Lembrou-se de quando tinha dezesseis anos ou pouco mais, no auge da beatlemania, quando era chique fumar maconha, John Lennon, seu guru na época, declarara em alto e bom som só haver descoberto o sentido da vida após o primeiro cigarro de maconha. Depois essa droga perdeu a hegemonia entre os pop stars, cedendo seu posto para o LSD, uma droga poderosa que iluminava a mente, abrindo os horizontes em explosões de luzes e cores.

Sentira-se tentado a provar a coisa, que afinal era tão difícil quanto presenciar um show ao vivo de seus ídolos, pois, para isso, teria que sair do país, e ele não tinha condições nem para sair de seu estado natal. Assim, o LSD, como muitos outros sonhos, ficou nisso mesmo. Esboçou um sorriso amargo. Quanto sonho não sufocara em sua existência? Não que o fato de não haver consumido LSD fosse uma frustração incontornável. Afinal, descobriu-se depois que o LSD era extremamente nocivo à saúde, o que afinal deveria ser verdade, pois hoje em dia ninguém mais fala nisso. Ou então surgiu algo mais poderoso. Lembrou-se da cocaína, a “droga da moda”, que movimentava bilhões. Às vezes,

alguns desses bilhões estavam tão pertos, pois a região ali era conhecida internacionalmente como rota do tráfico da droga.

O interessante é que, apesar da proximidade, nunca havia cruzado pessoalmente com o perseguido pó, ignorando, assim, totalmente sua ação no cérebro das pessoas, a não ser em teoria, é lógico, pois nisto era muito bom! Tentou desanuviar a mente assobiando uma canção. Gostava de assobiar, e ali naquele ambiente a acústica era perfeita, o que aos seus ouvidos soava agradável.

“Yesterday”: uma canção dos Beatles. Talvez a mais tocada. Não a sua preferida, pois gostava mesmo era dos acordes de “Penny Lane”. Porém “Yesterday” fora a mais elogiada e ele, às vezes, a lembrava, não por gostar muito, mas apenas pra ver se descobria onde estava o segredo de tanto sucesso. Sucesso. Gozado como as coisas são efêmeras. Ainda ontem, o mundo se curvava diante de quatro rapazes ingleses, que, de repente, se achavam mais populares que Jesus Cristo. Quanta indignação, quanto palavreado. DJs. Deixando de rodar seus discos, como se realmente respeitassem Jesus Cristo. Achava tudo uma grande bobagem.

Estava tão absorto em seus pensamentos que não percebeu haver chegado a um beco sem saída. O corredor terminara abruptamente. À sua frente erguia-se uma parede úmida. Observou melhor e viu que descia um filete de água. Aparou com as mãos em concha e sorveu um gole: água boa, sem sabor. “Aliás, como deve ser toda água de se matar a sede”. Ficou ali, olhando para a parede natural, tentando coordenar os pensamentos. Novamente a sensação de estar sendo observado. Não havia atentado para um detalhe: estava em uma caverna, sem sinal de luz exterior, no entanto a escuridão não era total, como haveria de ser. Não conseguia entender de onde vinha a fraca, porém sufi-

ciente iluminação do ambiente. Deu meia-volta. Impossibilitado de ir adiante, andou cinco metros à esquerda, viu uma entrada camuflada por jogo de sombras e penetrou numa câmara. Viu-se iluminado por mil sóis!

Sufocou um grito, tentou voltar para fugir do foco como um animal assustado. Conseguiu apenas trombar com a parede fria. Saiu Tateando em busca da abertura pela qual penetrara, mas só conseguiu se arranhar nas saliências de pedra. Caiu exausto após intermináveis minutos de desespero. Ficou imóvel colocando a respiração e o cérebro sob controle. O ofuscamento continuava. Por mais que abrisse os olhos, nada via a não ser um clarão que penetrava pela cavidade ocular e invadia sua alma. Apesar do inusitado da situação, lembrou-se do oposto, quando saía da luz do sol, em plena Avenida São João, em São Paulo, e entrava nalgum cinema – era aficionado por cinema – nas tardes de domingo. Ficava então perdido no escuro, sem conseguir enxergar nada por bons minutos, enquanto os demais frequentadores assobiavam para que saísse da frente. Agora, saíra da penumbra e fora invadido por um jorro de luz jamais visto.

Fechou os olhos, apertando as pálpebras, coordenou os pensamentos, refez o trajeto até ali. Sentiu-se, se não autoconfiante, pelo menos com disposição de continuar enfrentando os desafios que por ventura viessem. Foi abrindo os olhos lentamente, agora um pouco mais habituados. Havia uma espécie de mesa, suspensa, lhe pareceu, pois não se apoiava no piso. Sobre a mesa, um objeto em forma de concha. Em volta da mesa, quatro figuras imóveis fixavam o objeto. Eram seres humanos, vestidos com longas túnicas de um branco infinito, que doíam nos olhos. Ignoravam totalmente sua presença, concentrados que estavam no objeto sobre a mesa. Os intervalos regulares subiam dali, ema-

nações de uma luz verde que se condensavam no teto, formando nuvens de gases perfeitamente visíveis. Então desciam em forma de neblina. Milhões de gotículas que formavam um espetáculo digno dos melhores efeitos de um Spielberg.

As figuras de túnicas brancas, neste momento, levantavam as mãos como quem dá louvores e inspiravam a neblina verde sorvendo os ares deliciados. O barulho do motor que o trouxera até ali já não era audível. Cederia lugar no vácuo do ambiente a uma música clássica, num tom perfeito para meditação. Começou a prestar atenção nos acordes, sendo invadido por uma profunda sensação de paz. Começou a levitar pelo ambiente, feito um balão de gás, misturado à neblina verde. Tentava agora coordenar a posição. À maneira dos astronautas, quando em órbita, não conseguia manter-se na vertical. Achou impossível e resignou-se, mesmo porque o fato de levitar de ponta-cabeça não lhe desagradável.

Recordou-se, então, de Neil Armstrong pisando em solo lunar. Pela primeira vez um homem passeava pelo satélite natural da Terra. Naqueles dias televisão era artigo de luxo, mais uma questão de status, que um veículo de comunicação. Quem, como ele, residia em pequenas vilas do interior, só tinha oportunidade de assistir TV quando viajava para a capital. Assim, não pode ver a descida do homem na lua, mas não se deu por vencido: Naquela noite, dormiu com o velho rádio de pilhas sobre o tórax, ouvindo extasiado um locutor, à maneira dos narradores esportivos, contarem a façanha sem precedentes. “Um pequeno passo para um homem, um grande passo para a humanidade”. Essas foram as palavras proferidas pelo primeiro homem a pisar na lua. Ficou pensando nessa frase, enquanto flutuava pela câmara. Quantos bilhões de dólares foram gastos nessa aventura

PARALELAS

Você tão linda,
a bela das manhãs.
De todas as manhãs,
tardes e noites...
Você doçura
dona dos meus sonhos,
sonhos irreais!
Eu te amando na relva fria,
como minh'alma ao despertar...

Você mulher, cheia de encantos,
eu pelos cantos a imaginar
como seria se de repente tu fosses minha
assim para sempre,
Eu para sempre poder te amar?

Eu te amaria sob as estrelas,
sobre as areias de algum rio
já que o mar é tão distante...
Não tão distante como a distância
que me separa do beijo seu;
Pois minha estrada é paralela aos seus caminhos!
Nossos caminhos jamais se cruzam,
seguímos juntos, somente juntos,
você e seus sonhos, e eu envolto
nos sonhos meus!

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ISBN 978-85-69943-99-0



9 788569 943990